

ATITUDE FILOSÓFICA

“[...] os negros não tem vez no Brasil, porque eles são muito pobres e não tem a capacidade de fazer o que os brancos fazem [...]”

Luis Carlos Ferreira dos Santos

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia

E-mail: lcarlosfsantos@hotmail.com

[...]às vezes faço questão de não me ver
e entupido da visão deles
me sinto a miséria concebida como um eterno
começo[...] (Cuti.Quebranto.p.48-49.)

O título desse artigo foi retirado de um texto produzido por uma aluna da quinta - série de uma escola estadual da cidade de Salvador, em 20 de novembro de 2008, dia que se celebra a consciência negra no Brasil. E u, enquanto professor de filosofia nessa escola, trabalhei com o texto: "**Nós, os negros**", escrito por Steve Biko. A atividade consistia em ler o texto e a partir da leitura cada um escrever o que entendia por consciência negra. A maioria dos textos produzidos em sala apresentavam um certo traço de inferioridade, como exemplificado no título desse artigo, em relação ao branco.

Diante de fatos como o que foi descrito acima, começo a me perguntar qual seria o papel das (os) professoras (es) de filosofia no ensino básico, pois com a obrigatoriedade da mesma nas instituições de ensino públicas e privadas do nosso país, me parece ser necessário que essas (es) profissionais façam uma re-leitura da

construção acadêmica que lhe foi apresentada e se questionem se é produtivo fazer filosofia somente com as matrizes que lhe foram apresentadas. A partir disso e diante da realidade da formação das (os) professoras (es) de filosofia no Brasil, ficam as seguintes questões: como ensinar filosofia no ensino básico sem estar somente assentada nas matrizes indo-européia? E como seria possível uma filosofia que pensasse os nossos problemas?

O primeiro questionamento traz uma complexidade para a atuação da (o) professora (o) de filosofia na sala de aula. Esta (e) tem uma construção acadêmica restrita na visão européia, mas a (o) estudante que está em contato direto com essa (e) professora (o) não é europeu, e por isso tem sua história – cultura, e essas devem ser evidenciadas de maneira positiva na sua aprendizagem. Logo a (o) educadora (o) a partir desta compreensão que o objeto pode ser observado de vários aspectos possibilitará uma provocação nas (os) educandas (o)s daquilo que é verdadeiro, belo e bom.

A categoria essencial para construir no inconsciente das (os) estudantes negras (os) que elas (es) não são incapazes deve partir dessa perspectiva de uma abrangência das bases epistemológicas do conhecimento humano. Assim, essa visão depreciativa que a (o) afro-descendente é obrigada (o) a aprender se reverterá quando forem apresentados de imediato na sua experiência cotidiana outro modelo epistemológico da compreensão de mundo, da sua cultura e do seu modo de ser e estar no mundo. Desse modo, a (o) estudante aprende que existe a construção de conhecimento europeu e das múltiplas culturas africanas.

O ambiente múltiplo de possibilidades do saber instaurado na sala de aula permite ao estudante conhecer e se reconhecer na sua própria história. Uma aula de filosofia sobre mitologia que somente apresente a percepção de mundo sob a ótica dos mitos gregos, não executará a abrangência cultural, étnica e filosófica de outras civilizações. No Brasil, além da mitologia grega é possível e necessário trabalhar a mitologia afro-brasileira, pois a desconstrução da visão negativa que se faz do legado histórico-cultural do saber de matriz africana permitirá a integração do afrobrasileiro com a sua raiz ancestral, nessa medida reconhecendo a si – próprio, uma vez que a criança, a mulher e o homem negro estão inseridos num mundo que não lhe reconhece e dessa maneira, o processo de construção do seu eu não se efetiva.

A mitologia afrobrasileira apresenta uma construção da natureza, um desenvolvimento humano e do mundo de extrema riqueza e importância. A característica

essencial, por exemplo, é a relação do homem com a natureza, a interação com os animais e o meio ambiente como fator primordial para a ritualização dos mitos.

Assim como também é de fundamental importância que as (os) professoras (es) de filosofia tenham como atitude filosófica a criatividade de apresentar intelectuais que pensaram a África descolonizada da concepção européia e intelectuais afro brasileiras (os) na sala de aula. Pois somente assim, nós negros e negras, construiremos uma identidade sólida na diversidade.

A filosofia não pode ficar alheia as questões étnicas - culturais que estão presentes nas salas de aulas brasileiras. Pois as consequências é o distanciamento da (o) afrobrasileira (o) de si - mesma (o). Como se observa na redação transcrita abaixo da qual foi retirada o título deste texto.

A consciência negra é muito importante pois é um dia de festa para nós só que para os negros é um dia de dor, tristeza porque a muitos negros não tem onde mora, o que comer, onde dormi ai fica muito difícil os negros não tem vez no Brasil porque eles são muito pobres e não tem a capacidade de fazer o que os brancos fazem porque os brancos tem luxo, riquezas e nem sabe o que é pobreza agora se eles so tivesse passado um pouquinho ia agradecer a vida. Hoje ia resar por resto da vida e que não queria passa por uma vida assim. Porque eles são pobres que eu não posso falar assim não onde cair morto. (Uma aluna de quatorze anos. Série: 5ª).

Essa redação tende a confirmar que tanto o ensino de filosofia como as diversas áreas presentes na educação não podem ficar alheias à lei 11.645/08, evidenciando nas suas práticas pedagógicas a preocupação com a construção plur iétnica dos educandos. O meio para alcançar tal objetivo é inserir na prática de ensino a produção de conhecimento das civilizações de cultura africanas e afrobrasileiras. A educação tem o dever de promover a diferença, no entanto, o ensino de filosofia no Brasil, para contribuir com a diversidade na educação deve desalienar -se dos seus dogmas e conceber a dessemelhança de visões de mundos como uma harmonia. Como afirma Glória Moura:

Os professores precisariam se reconhecer no que ensinam, conscientizando-se da formação pluriétnica do povo brasileiro e aceitando suas próprias origens, para que pudessem ensinar um processo educativo na escola mais adaptado à realidade nacional, levando os alunos a também desenvolver uma atitude afirmativa com relação à sua própria identidade. (Moura, Glória. O Direito À Diferença. P. 80).

O segundo questionamento do texto é a possibilidade de um ensino de filosofia que pense os problemas da nossa própria realidade, mas para isso a filosofia precisa levantar-se do seu “berço esplêndido” no qual está assentada e estabelecer uma conexão com a vida das (os) educandas (os). O segundo questionamento, assim como o primeiro, possui as mesmas bases de explicação, porque é de fundamental importância pensar sobre si mesmo, para dessa maneira encontrar as raízes das problemáticas que lhe atingem. Logo isso somente será possível quando o pensamento africano for apresentado aos afro-descendentes.

As (os) professoras (es) de filosofia devem começar a se questionar sobre qual é o papel da filosofia na conjuntura dos “brasis”. Elas (es) devem instaurar como caminho central do seu modo educativo a realidade do ambiente social, cultural e histórico das (os) alunas (os). Dessa maneira, não importa onde a Filosofia nasceu, mas o que pode oferecer para resolver as questões que atingem a nação. O modo pelo qual o conteúdo da disciplina está configurado não possibilita, como por exemplo, uma cosmovisão da estética ou da epistemologia que caracteriza o país. É um cinismo à brasileira afirmar que este é um país “pluricultural” se as suas instituições de ensino não manifestam a diversidade na educação. Nas cadeiras das escolas, têm alunas (os) de ancestralidade africana e isso não pode ser negado. Portanto o conteúdo do ensino de filosofia no Brasil por uma questão de cumprimento ao art. 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas e à construção histórica- étnico e cultural dos povos que construíram essa nação, deve pensar um ensinamento que privilegie essa diversidade.

A (o) professora (or) não pode ser conivente com o projeto ideológico que permeia o ensino brasileiro há décadas. Projeto esse que possui como propósito subjugar uma raça sobre outra, portanto, não promovem o re-nascimento desse estudante. É importante ressaltar que os estudantes que não re-nascem são as (os) estudantes afrodescendentes, esses têm a sua alma negada desde o primeiro instante que vão de encontro às instituições de ensino que vem agindo como verdadeiros colonizadores.

A filosofia deve ter uma nova perspectiva na sua fonte e validação do conhecimento, ou seja, a epistemologia não pode estar unicamente estabelecida na base europeia, mas sim numa dimensão que abarque as fontes de conhecimento africanos e afrobrasileiro sobre as problemáticas humanas. Com essa perspectiva do conteúdo de

filosofia, as (os) estudantes vão de encontro à sua liberdade. E essa liberdade atinge tanto os estudantes afrodescendentes quanto os não afrodescendentes. Pois a construção do que é belo, bom e verdadeiro no Brasil se assenta somente no legado eurocêntrico, dessa forma se constrói uma sociedade onde todos ficam subjugados a um único ponto de vista. No entanto, com uma complexidade de visões sobre o mundo, os dois estudantes (negras/os e não- negras/os) irão dar um salto sobre a ignorância e ir de encontro à liberdade. E ir ao encontro desta é doloroso, mas se faz necessário. Como descreve Paulo Freire:

A libertação, por isto é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores -oprimidos, que é a libertação de todos. (FREIRE, PAULO. 1987, 35P.).

Estabelecido que a tomada de consciência deve ser de todos, e não somente de alguns “homens de excelência”, como afirma a história da filosofia, o ensino da mesma deve instaurar a diversidade de pensamento como essencial na sua prática em sala de aula. É necessário a (o) aluna (o) aprender que apesar da sua construção histórica – cultural ter sido pelos europeus, índios e africanos, é de extrema necessidade ela (e) saber que além dos europeus, o índio e o africano também produziram e produzem conhecimento, não só folclore, como as escolas insistem em afirmar. Dessa maneira, a filosofia no ensino básico deve ser re-inventada, para assim tê-la significado na construção das (os) estudantes.

O ensino de filosofia tem que inserir no conteúdo da disciplina a diversidade humana como uma valorização. Todavia, não exercer essa atitude e reproduzir em sala de aula que somente os europeus pensaram sobre a origem do mundo, traz implícito nessa afirmação a atitude de uma (um) professora (or) de filosofia que possui total desconhecimento das questões históricas, culturais e sociais do país como o Brasil, se mostrando um intelectual alienado.

A visão apresentada por Frantz Fanon de como se legitimava a colonização constitui uma boa base explicativa para ilustrar o atual ensino de filosofia nas escolas. Esta vem agindo como a verdadeira fonte de intelectuais alienados que atuam de acordo com a ideologia que sustenta um sistema de subjugar uma raça sobre a outra. Segundo Fanon, nos países capitalistas e nas colônias, a relação de poder sobre o oprimido se dá na seguinte maneira:

Nós países capitalistas, entre o explorado e o poder inter põe-se uma multidão de professores de moral, de conselheiros, de “desorientadores”. Nas regiões coloniais, ao contrário, o gendarme e o soldado, por sua presença imediata, por suas intervenções diretas e freqüências, mantêm contacto com o colonizado e o a conselham, a coronhadas ou com explosões de napalm, a não se mexer. Vê-se que o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não torna mais leve a opressão, não dissimula a dominação. Exibe-as, manifesta-as com a boa consciência das forças da ordem. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado. (Fanon, Frantz. **Os condenados da Terra**. 28p.).

A posição ocupada tanto pelo “soldado”, como dos “professores de moral” é análoga as (aos) professoras (es) de filosofia, pois caso essas (es) professoras (es) continuem insistindo em limitar a visão das (os) alunas (os), elas (es) estarão agindo como colonizadores. A partir dessa limitação, de negar o conhecimento africano, elas (es) acabam restringindo a percepção de mundo das (os) estudantes brasileiras (os), que são marcados pela diáspora africana. Portanto as (os) professoras (es) têm obrigação ética de tentar construir pessoas novas, ou seja, transformadas, mas para isso ocorrer, eles não devem ser passivos com o paradigma vigente.

O ensino de filosofia dentro da conjuntura de sociedade que se instaura, somente é possível se ela re-descobrir a cosmovisão africana como um autêntico pensamento filosófico que deve ser incluída na sua organização curricular. Pois com a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana, afro-brasileira no currículo escolar, através da lei 11.645/08 e com as novas relações sociais que se constrói, não é admissível numa sala a (o) professora (o) de história, de literatura ou de artes estejam desconstruindo os paradigmas, enquanto numa outra a (o) professora (or) de filosofia afirme que a maior construção humana em relação ao conhecimento, repousa unicamente na dialética socrática.

Um dos graves problemas que atinge o Brasil é a ausência de representatividade institucional dos povos que compõem esta nação. Essa negação de acolhimento das esferas institucionais em relação à diversidade étnica deixa marcas nas (os) afrodescendentes, como na aluna citada nesse texto. Se não ocorrer a tomada de consciência da sua negritude¹, ela continuará não se aceitando como negra por acreditar

¹ Sobre este assunto ver: MUNANGA, Kabengele. Negritude: Usos e sentidos. Ed. Ática, 1988. São Paulo.

que “o negro não tem a capacidade de fazer o que os brancos fazem”. As (os) professoras (es) devem **africanizar a filosofia** e assim, assumir uma postura ética e étnica, para então encontrar a cosmovisão e a partir desse caminho construir um conteúdo plural de idéias. Para isso ser realizado é necessário um autêntico movimento filosófico e uma atitude de se des-dogmatizar dos valores apresentados na sua formação, para assim não se manter silencioso diante do racismo e construir educandos com voz na sociedade. Portanto as (os) estudantes vão transformar-se em cidadãos (aos) quando estiverem instrumentalizados a resistir pelo conhecimento e a filosofia de matriz africana possibilitará este salto. Segundo Eduardo Oliveira,

[...] Pensamento que se re-pensa, é certo, mas também vai além de seus domínios. Transborda as fronteiras do Si-Mesmo para encontrar a Alteridade. Reconhece que a filosofia é antes de tudo uma atitude. Uma Ética. Uma atitude ética baseada na sabedoria dos ancestrais. Por isso mescla racionalidade com encantamento, Logos com Mito; Magia com Ciência. A filosofia de matrizes africanas é criativa e dinâmica. Cria seus próprios princípios e dinamiza sua experiência civilizatória para além do eterno retorno da tradição, para manter, atualizar e re-inventar sua forma cultural, para implementar seus projetos políticos. (OLIVEIRA, 2006, p. 160).

A filosofia africana possui como critério a vida, pois possui como ação filosófica a atitude ética. E uma segunda característica é o Outro como ponto de partida e chegada na dinâmica dessa filosofia. Para ilustrar um meio prático de anunciar um novo paradigma na vida diária do ensino de filosofia no ensino básico e médio, a (o) professora (or) pode realizar uma atividade apresentando imagens que correspondam à estética ou/e a mitologia africana e europeia, como no exemplo das figuras abaixo.

- I: *Escultura em estilo europeu encontrada no Campo Grande em Salvador/Bahia.*



- II: *OXOSSI, esta imagem se encontra no Dique do Tororó em Salvador/BA.*



A atividade se desenvolveria da seguinte maneira: primeiro a classe se familiarizaria com as imagens, em seguida a mesma seria questionada sobre qual figura cada aluna (o) se identificaria e justificaria o porquê se identifica com uma imagem e não com a outra. Logo após a impressão de cada aluna (o) a (o) professora (or) apresentaria nas suas aulas referentes à mitologia, a maneira pela qual a mitologia afro-brasileira e grega apreendem o mundo.

Dessa forma, o objetivo dessa atividade consistiria dos seguintes tópicos: entender o motivo pelo qual a sua identificação com a figura I e não com a figura II, compreender que duas culturas embora diferentes possuam concepções de mundo que

deve ser compreendida e, conseqüentemente, respeitada, ou seja, aprender na prática o direito a diversidade, e por fim desconstruir uma suposta visão negativa que por ventura tenha da cultura de matriz africana.

Em suma, a (o) professora (or) de filosofia deve superar a existência da hierarquia entre os grupos humanos na escola. O racismo instaurado sobre a (o) negra (o) pode ser revertido no momento em que houver uma atitude afirmativa de la (e) com a sua negritude, no entanto, a atitude afirmativa somente será concretizada quando o legado africano for apresentado de maneira positiva e não mais negativa. Como afirma Malomalo, Fonseca e Lopez:

“[...] O legado africano para o Brasil foi e tem sido imenso, desde a produção musical até a industrial, além das artes, das ciências e das instituições sociais e religiosas, na medida em que foi ele de fato e de direito o grande civilizador da nação.”²

PARA SABER MAIS:



FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Editora Civilização brasileira, 1979.

FONSECA, Dagoberto José; LOPEZ, Marciel Mena; MALOMALO, Basilele. **O Legado Africano**. In: Junior, Vilson Caetano de Souza (Org.). 1 Ed. São Paulo: Centro de Ataque de Cultura Negra e Teologia, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Leis de Diretrizes e Bases da Educação: lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996/ Ester Grossi, apresentação. – Rio de Janeiro: DP&A editora, 1998.

LEIS DE DIRETRIZES E BASES EDUCAÇÃO. Disponível em:

² O Legado Africano. In: Nossas Raízes Africanas. Org: Vilson Caetano de Souza Junior. São Paulo, 1º Ed, 2004.P. 80.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm . Acesso em: 29 de Março de 2009

LUZ, Marcos Aurélio de Oliveira. **Do Tronco ao Opa Exin: memória e dinâmica da tradição africana-brasileira**. Salvador: Editora: SECNEB, 1993.

MOURA, Glória. **O direito à diferença**. In: MUNANGA, Kabengele (Org). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Secad, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba: Editora gráfica popular, 2006.

QUILOMBHOJE. (Org.) **Cadernos Negros: os melhores contos**. São Paulo: Quilombhoje, 1998.